

“Associativismo, profissões e políticas públicas – III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero”

Sessão Temática: Casa, Gênero e Trabalho

**Casa, Trabalho e Gênero: O Cotidiano dos (as) “Bóias-Frias” pela
Descrição do Visível**

Glauber Lopes Xavier¹
Reycilane Carvalho Chadud²

¹ Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás.

² Socióloga pela Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora de gênero do NEST (Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho), da Universidade Federal de Goiás.

Resumo

Aprender o cotidiano dos trabalhadores e das trabalhadoras “bóias-frias” a partir da descrição do visível tratou-se do principal objetivo deste trabalho. Para tanto, valemo-nos de um pensamento centrado nas contradições dos processos sociais, o qual confere valor aos aspectos culturais sem se furtar da necessidade de considerar as questões de ordem eminentemente materiais. Neste sentido, o intento fora de, a um só tempo, privilegiar o imaginário e o poético nas ciências sociais, mas também trazer à luz reflexões em torno de questões como a condição da mulher “bóia-fria”, a exploração dos trabalhadores e das trabalhadoras e suas resultantes sobre a cotidianidade de homens e mulheres que tanto suor derramam nos canaviais goianos.

Palavras-chave: Casa. Gênero. “Bóias-Frias”.

No espaço da parede, o tempo da arte, da fé e da devoção

Fazia calor quando chegamos ao bairro Jardim Esperança, município de Goianésia, Goiás, num ensolarado mês de fevereiro, período de entressafra na cultura da cana-de-açúcar. Neste trabalho de campo, o Sr. Pedro³, 57 anos, natural de Doriania Indaiá, Minas Gerais, foi a primeira pessoa com quem tivemos contato. Ao cumprimentá-lo e tomarmos conhecimento de sua idade, percebemos as marcas do desgaste físico em decorrência de muitos anos no corte de cana. Em seguida, fomos convidados a adentrar sua casa. Nesse momento, uma senhora lavava roupas num tanquinho. Embora o eletrodoméstico apresentasse bastante uso, não deixava de despertar questionamentos acerca das condições de vida dos (as) “bóias-frias”⁴ e a relação com as “conquistas” materiais que, de certo modo, facilitariam essas condições. Seriam conquistas de tal ordem sinônimo de superação para esses (as) trabalhadores (as)? Até então se tratava apenas de uma indagação.

Feitos nossos questionamentos, todos respondidos com bastante clareza pelo Sr. Pedro, registramos imagens de sua casa. Varanda, sala e cozinha foram fotografadas. Dentre as fotos, damos destaque a de uma das paredes da sala do Sr. Pedro. Nela, encontram-se retratos de uma famosa dupla sertaneja, Leandro e Leonardo, calendários com imagens alusivas à religiosidade (Jesus Cristo, Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil e São Francisco), além de calendário com imagens de políticos locais e um quadro com um trecho do salmo 91. (Foto 1).

Distante de denotar o desprezível, essa mistura de temas enceta profícuas reflexões. Ali, é demarcada a fé, a esperança, a devoção, a preferência musical e, obviamente, sob quais perspectivas o capital ampara-se a fim de tornar efetiva sua capacidade reprodutiva. Nesse sentido, nos referimos ao fato de que as insígnias religiosas e políticas ali observadas encontram-se estampadas em calendários. É o tempo crucial na dimensão do vivido. E o capital o explora, fornece ao necessário, o calendário, conteúdos outros relacionados à amplitude das condições do ser social: sentimentos, percepções, convicções, crenças. O

³ Todos os nomes mencionados neste trabalho são fictícios, a fim de garantir o sigilo dos sujeitos da pesquisa.

⁴ Trabalhadores rurais temporários, também denominados de trabalhadores volantes. A opção pelo termo “bóia-fria” revela nossas preocupações sobre a reprodução de sua condição e não sobre as relações de trabalho *per se*. O termo, por sua vez, deslinda e sintetiza a condição do cortador de cana na medida em que se refere à situação de sua alimentação: fria e, por vezes, azeda.

capital materializa-se em mercadorias não apenas no sentido do atendimento de necessidades, de satisfação de desejos, mas também num sentido que julgamos elementar, o das representações, seja da ausência, seja da presença. Como elucida Henri Lefebvre (2006, p. 224), “*Esse mundo da mercadoria utilizava as ciências sociais e sobretudo as técnicas manipuladoras e programadas do cotidiano: publicidade, referências diretas e indiretas.*”⁵. Assim, o capital utiliza-se da natureza elementar que possui o tempo a fim de criar, num espaço de representações, como é o lar das pessoas, representações sobre o espaço, ou seja, sobre o sertão e a religiosidade, por exemplo.

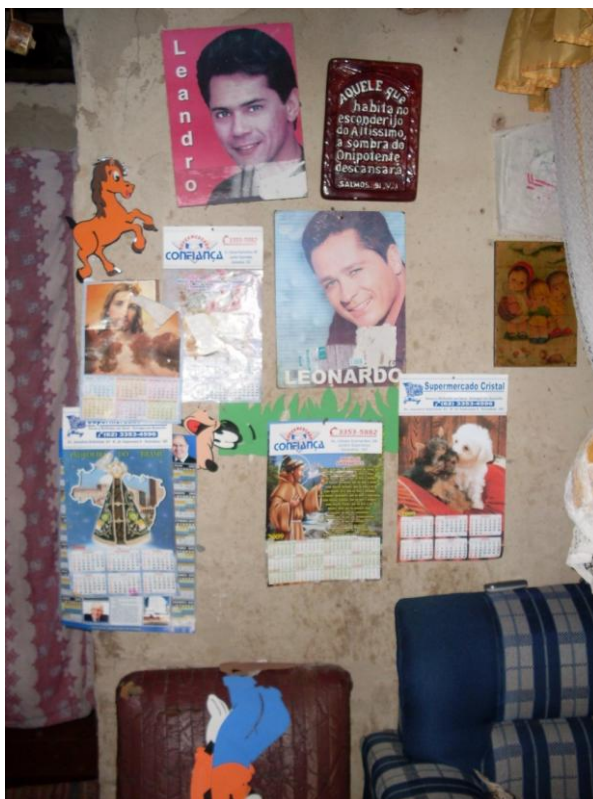


Foto 1 – No espaço da parede, o tempo da arte, da fé e da devoção. (Foto: Xavier, 2009).

Contudo, não podemos limitar as análises ao âmbito do continente, uma vez que é o conteúdo o que, substancialmente, nos interessa. Ou seja, como esses conteúdos integram o processo de *re-produção das relações de produção*. Conferimos importância ao cotidiano na medida em que tomamos conhecimento de que a *re-produção das relações de produção* não se encerram na reprodução da força de trabalho. Lefebvre (2000) vincula o conceito de *re-produção das relações de produção* ao conceito de reprodução total, formulado por Marx em 1863. Segundo ele (LEFEBVRE, 2000, p. 233):

As relações de produção encerram contradições, nomeadamente as contradições de classe (capital/salário) que se amplificam em contradições sociais (burguesia-proletariado) e políticas (governantes-governados). Mostrar como se reproduzem as relações de produção não significa que se sublinhe uma coesão interna do

⁵ Trad. dos autores: “*Ese mundo de la mercancía utilizaba las ciencias sociales y sobre todo las técnicas manipuladoras y programadas de lo cotidiano: publicidad, referencias directas e indirectas.*”

capitalismo; isso quer dizer, também e, sobretudo, que se mostra como se amplificam e aprofundam, em escala mundial, as suas contradições. Sobrepor o modo de produção às relações de produção como a coerência à contradição, essa atitude de uma “prática teórica” tomada em separação tem apenas um sentido: liquidar as contradições, excluir os conflitos (ou pelo menos certos conflitos essenciais), camuflando o que sucede e o que procede desses conflitos

Ademais, a compreensão da *re-produção das relações de produção* como conceito forjado no primado da totalidade é contrária a compreensão culturalista dos fenômenos sociais, compartilhada por muitos teóricos da Sociologia contemporânea. Daí uma posição crítica da vida cotidiana, nível no qual as contradições dessa *re-produção de relações de produção* se materializam. Portanto, não devemos ignorar imagens que denunciam o cotidiano dos (as) trabalhadores (as) na medida em que povoam o imaginário. Todavia, não podemos apreendê-las desprovidos de uma leitura crítica. Tomemos como exemplo a imagem de uma famosa dupla sertaneja goiana disposta em quadros na parede da casa do Sr. Pedro. Algo há de interessante nisso: uma contradição ensejada pela ruralidade amalgamada à urbanidade, revelada nas músicas que não somente essa, mas várias duplas do país cantam.

Essa contradição, diga-se de passagem, é divergente daquela apresentada por Martins em trabalho no qual analisou a manifestação cultural a partir da música caipira e da música sertaneja. Enquanto Martins percebeu uma profunda contradição, identificamos, na música sertaneja da atualidade, o chamado sertanejo romântico, algo distinto: a exaltação do modo de vida urbano, o que não deixa de ser uma contradição, posto que ela materializa-se no presente e no ausente. Sobre presença e ausência, referimos ao personagem que representa o “*conservadorismo expresso na ironia da música sertaneja*” (Martins, 1975, p. 139), a mulher.

A mulher perfilou as letras de músicas sertanejas enquanto elemento central do ponto de vista das contradições entre o pacato e rústico modo de vida rural e o moderno e repleto de novidades modo de vida urbano. Evidentemente que a mulher representada nas músicas do contemporâneo sertanejo romântico não é evocada como personagem cuja identidade é a do humilhado, a do subalterno com relação à vida moderna. Entretanto, o mesmo personagem prevalece numa posição de centralidade semântica na música sertaneja; A mulher é, agora, subalterna ao homem, referenciada como epicentro de conflitos amorosos, prova cabal de que a tentativa de ultrapassagem do humilhado não se fez eficaz. Suas letras muitas vezes reportam à modernidade, falam de aviões, automóveis, a condição da mulher que emerge de um novo modo de vida, como a letra da canção *Pense em mim*, composta por Douglas Maio, José Ribeiro e Mário Soares, gravada pela dupla Leandro e Leonardo.

As filhas: a mediação de tempos e espaços

Como na casa do Sr. Pedro, quadros dos filhos e filhas adornam as paredes da casa do Sr. Bartolomeu, da Sr.^a Nair e da Sr.^a Diva. (Foto 2). É em seus filhos e filhas que os pais depositam confiança em melhores condições de vida. Esperam que, por meio dos estudos, possam superar as agruras de suas realidades. Assim manifestou a Sr.^a Nair, ao dizer que trabalhava a fim de propiciar condições para que suas duas filhas possam concluir os estudos e adquiram uma profissão melhor que a sua, onde possam ser reconhecidas e não tenham grande esforço físico. O espaço da casa é rico de informações acerca das angustias, anseios, desejos, conquistas e sonhos desses (as) trabalhadores (as).

É, indubitavelmente, um espaço de representações, no qual existem representações sobre o espaço. Os quadros de crianças nas paredes conformam na crença em um futuro divergente do presente. O tempo consiste, destarte, naquilo que une e, concomitantemente, desata dois momentos. Une, no momento presente, pelos laços familiares, mas desata quando da crença noutra realidade. Os filhos e filhas mediam, nesse sentido, duas representações de tempo e espaço. Num primeiro momento, um espaço que é o da parede, estático, imóvel, num tempo que é o instante, o que denota laços familiares. Num momento seguinte, um espaço construído no imaginário, um espaço de representação, dinâmico, no qual o tempo é aquele quando os filhos e filhas, já criados (as), serão responsáveis de si mesmos e viverão noutra realidade, bastante distinta daquela que, ora, seus pais encontram-se submetidos.



Foto 2 – As filhas: a mediação de tempos e espaços. (Foto: Xavier, 2009).

As atuais transformações que marcam a sociedade brasileira são refletidas no campo, dando surgimento a uma nova percepção acerca do processo de socialização dessas crianças, sobremaneira em relação às meninas. Neste ambiente, as pesquisas de gênero apontam para a relação da mulher e da menina como uma exclusão dos espaços masculinos e principalmente das horas de lazer. Essa evidência é exposta na pesquisa realizada por Whitaker (2002) em que a autora critica a sobrecarga de trabalho doméstico sobre as meninas e primordialmente sobre as mães.

O processo de socialização das meninas, segundo teorias anteriores, vem acompanhado de um preparo para o caminho da desvantagem, de menores expectativas de escolarização e de profissionalização, comparado ao dos meninos, o que deriva de uma inserção maior destas no trabalho doméstico. Sabe-se que o trabalho doméstico não é o mais pesado do mundo rural, mas sua histórica realização pelo sexo feminino implicou numa idéia de deveres, com toda uma diversificação e complexificação de suas próprias atividades. O que ocorre atualmente e, aqui, tomando as palavras de Whitaker (2002, p. 9) é que “*não podemos mais separar facilmente o rural do urbano, unificados pela expansão e aprofundamento das relações especificamente capitalistas no campo*”, bem exemplificado nas observações acerca dos (as) trabalhadores (as) da agroindústria canavieira. O processo de globalização toma

ênfase para melhor interpretar essa realidade, porque aparece como pano de fundo para o entendimento da totalidade da análise sociológica que, com a modernização do campo no Brasil, propiciou em muito as contradições no processo de socialização das meninas.

A luta feminina e o avanço da mulher no campo da escolaridade tiveram reflexos positivos, possibilitando que essas meninas, com esforço, adquirissem a possibilidade de galgarem patamares mais elevados de escolarização, opondo-se ao antigo imaginário do país de uma zona rural sem perspectivas educativas maiores às meninas. A pesquisa feita por Whitaker (2002) na zona rural-urbana de Ribeirão Preto, São Paulo, aponta para um maior tempo no trabalho doméstico em torno das meninas do que dos meninos, e essa diferença é vista em muitos casos como uma diferença que se concebe em desigualdade, mesmo que o processo de socialização seja bastante forte e muitas das meninas não percebiam essa injustiça. O gosto pelo trabalho doméstico, tanto pelas filhas, quanto pelas mães, nada mais é que a representação de um imaginário da mulher como sendo “um gostar” do que lhe obrigam a fazer. Diante disso, elas ficam mais restritas a vida secular que os meninos.

Ainda sobre o trabalho doméstico, os autores Melo, Considera e Di Sabbato (2007) destacam a grande importância das atividades realizadas pelas pessoas no interior dos lares para a reprodução da vida e do bem-estar da sociedade. Apesar de todo o acesso e ascensão do movimento das mulheres nas últimas décadas, elas se comportam como uma *Janus*, que tem uma face voltada para a casa e outra voltada para a rua. Fica evidente, destarte, que não houve, com essa mudança, uma reação de efetiva transformação do papel masculino. O agravamento no caso do Brasil acontece pelas enormes desigualdades entre as classes sociais, acentuadas quando se trata do meio rural.

Observando a caracterização das trabalhadoras domésticas no Brasil, destaca-se que a maioria delas não faz o uso do tempo como forma de analisar sua reprodução, então, a relação econômica e social do trabalho para uma remuneração dada, fica difícil de ser quantificada. A invisibilidade do trabalho da mulher no ambiente doméstico, principalmente em relação ao critério econômico, prevalece pela desqualificação deste mesmo trabalho, que encontra como obstáculo a relação produtivo/improdutivo agravando ainda mais sua relação de inferioridade.

Em “*Os afazeres domésticos contam*”, os autores refletem a partir de Marx, acerca do trabalho doméstico, como sendo o tipo mais comum de trabalho não pago e motivo de exploração da mulher por seus companheiros, sem reconhecimento social, em que a produção doméstica é designada como valor de uso e não de troca mercantil - que não tem um valor de troca estabelecido no mercado. Neste aspecto, a reprodução dos seres humanos permanece nebulosa, e reproduz ainda mais a situação inferiorizada e de descrédito da mulher. Ignorar o trabalho feminino nos afazeres domésticos reforça o conceito da *invisibilidade do trabalho feminino* e deixa de lado uma força economicamente importante nas prestações de contas de nosso país e que, ao final, somam em muito para a formação de nosso produto interno bruto (PIB).

Ademais, nota-se que no Brasil existe um número bem menor de utensílios domésticos nas casas da população trabalhadora, o que inviabiliza uma redução no tempo de afazeres domésticos, o que impede o melhor proveito do tempo livre pelas trabalhadoras. Importa registrar que os eletrodomésticos viabilizam uma melhor qualidade de vida às mulheres na medida em que poupam esforços e tempo, trazendo benefícios significantes. Interessa observar, ainda, que este tipo de trabalho consiste no que D’Acri (2002) descreve em seu estudo sobre as trabalhadoras da indústria de amianto no Rio de Janeiro. Ela conceitua o sentido do trabalho para aqueles que convivem com mazelas diárias e o superar delas, a todo o momento, como sendo a real importância social de seu trabalho que, no final, se torna

necessária para repercussões uteis e positivas para as pessoas, e no âmbito das trabalhadoras de Goianésia desdobra-se na maneira de pensar, imaginar e sonhar sobre o futuro dos filhos.

Compreendendo a fenomenologia na acepção que confere Bachelard (1996), a restituição do real a partir do devaneio poético, a percepção das imagens transpõe a pura descrição. Noutros termos, a imagem é viva e é, por isso, *anima*. “*A anima à qual nos conduzem os devaneios do repouso nem sempre é bem definida por seus aforamentos na vida cotidiana.*” Nela, residem aspirações, desejos, sensações. Trata-se da psicologia feminina profunda. É o cotidiano um tempo e um espaço em *anima*. Por isso, o tempo do cotidiano não é a semana, o mês ou o ano, mas é o nascer e o pôr do sol, assim como o espaço não é o de casa e o “fora” de casa, mas o da cama para o repouso, o quintal para o cultivo, as paredes para o registro dos anseios.

Fogão à lenha: no tempo, a permanência do espaço

Ainda sobre o espaço da casa, nos causou interesse o registro de imagens não apenas de algumas paredes, mas também de estantes, mesas, eletrodomésticos, enfim, do que, a nós, comportasse um valoroso signo de demarcação do cotidiano desses (as) trabalhadores (as). Deve-se a isso a fotografia de um fogão à lenha (Foto 3) na casa do Sr. Carlos. Mais que um símbolo de resistência às alterações que o capitalismo imprimiu no campo, fazendo com que trabalhadores (as) rurais passassem a morar em cidades e adquirissem eletrodomésticos tecnologicamente avançados, a existência desse fogão à lenha denota a recorrência a um modo de vida com que muitos (as) trabalhadores (as) se identificam. Não basta explicá-la pela utilidade que, bem sabemos, exerce como alternativa na falta de recursos para a compra do gás.

Ainda que essa fosse a única razão, as formas de superação da peleja cotidiana, por si, denotam saberes que remontam tempos outros e isso é o bastante. Esses saberes devem, a nosso ver, ser considerados pela Sociologia. Trata-se, agora, de não dirigir as observações e reflexões apenas aos fatos sociais, mas aos processos de construção e permanência desses fatos. É verdade, parece estarmos falando do senso comum, e estamos. Primamos, nesse trabalho, pelo constante movimento entre teoria e empiria. Separá-las tornariam inúteis os esforços dispensados, sobretudo porque nosso método é a dialética e nossas perspectivas teóricas, as mais férteis possíveis, não impedem, inclusive, o trânsito pela fenomenologia e seus desdobramentos teóricos. Mantemo-nos, contudo, cientes de que “*A simples descrição do caos ou do mal-estar urbanos, à guisa de fenomenologia, não conviria aliás a este método e a esta orientação.*” (LEFEBVRE, 1972, p. 163).

Com base nessa acepção do “senso comum”, para além de resistência, o fogão a lenha é a permanência viva da memória, do imaginário e da identidade. Transpõe o caráter de utilidade, uma vez que convive com o fogão a gás que marca a “modernidade”. Assim, ao transpor esse caráter, sua permanência está relacionada, fenomenologicamente, as sensações imprimidas a partir de sua materialidade.

São a fumaça, a lenha, as labaredas disformes que saltitam em cada chama e a elevada temperatura em seu espaço próprio aquilo que, certamente, concorre para a sua permanência. Não é por acaso que a comida ali feita tem um sabor peculiar e um valor incomparável para aqueles que conhecem, seja o arroz e o feijão, feitos num fogão a lenha e num fogão a gás. Indubitavelmente, é o espaço específico do fogão a lenha um elemento no qual se materializam representações do espaço e onde as sensações ali obtidas remontam outros

tempos. Seria a identificação com o espaço da roça, num tempo de pequeno camponês? Tempo e espaço redundam, nessa acepção, em valorosas categorias na apreensão de como e porque determinados objetos, práticas e saberes superam a inovação e o “moderno”.



Foto 3 – Fogão à lenha: No tempo, a permanência do espaço.
(Foto: Xavier, 2009).

É preciso, pois, capturá-los fenomenologicamente, praticar um exercício de resgate da história e apreender a natureza disseminadora de práticas e valores pelo capital no aniquilamento de saberes, percepções e representações na sociabilidade do homem simples. (MARTINS, 2008, p. 10). Cabe, aqui, um aparte acerca da imagem desse fogão à lenha. Recorremos, novamente, a contribuição de José de Souza Martins (2008a) que, em sua obra sobre a sociologia da fotografia e da imagem afirma que:

Na progressiva relevância da Sociologia fenomenológica e da temporalidade curta em relação à Sociologia preferentemente voltada para as estruturas sociais e processos históricos, da temporalidade longa, o visual se torna cada vez mais documento e instrumento indispensáveis na leitura sociológica dos fatos e dos fenômenos sociais.

Num primeiro momento do método regressivo-progressivo postulado por Lefebvre, considera-se que o visual fornece um rico material de análise. Ademais, atesta, metodologicamente, que o uso das imagens não deve ficar restrito ao papel ilustrativo, e ainda que, mais que apenas fotografar, cabe ao cientista social observar minuciosamente, interrogar, argumentar e, sobretudo, ouvir o que o homem simples tem a dizer. Cumprida essa etapa, é fundamental o exercício da crítica a fim de que a apreensão do cientista social não recaia na descrição pela descrição, na produção do conhecimento parcelar. Se uma expressão pode resumir a *démarche* desse pensamento, ela é o “*eterno retorno à dialética*”. Atentos ao sentido que ela carrega é que devemos, a todo o momento, chamar a atenção para o sentido das ações e dos objetos, ou melhor, da relação entre os sujeitos e esses objetos. Repetimos:

não fazê-lo seria a negação do nosso método, o avesso ao princípio de totalidade que nos legou o pensamento de Marx.

Sabemos, portanto, que a presença de um fogão à lenha, o qual certamente não agradaria os indivíduos da classe média urbana, é útil ao modo de produção a partir das relações de produção que enceta. Mais claramente, que a representação de um fogão à lenha para um (a) “bóia-fria” contribui no processo de acumulação de capital. Não é exagero afirmá-lo, na medida em que um fogão à lenha entra no processo de composição dos salários a partir do barateamento da reprodução da força de trabalho. O gasto que o (a) trabalhador (a) tem no provimento da lenha é significativamente inferior ao gasto com o gás de cozinha. Nessa perspectiva de raciocínio, somos levados a uma conclusão em conformidade com a sustentação teórica que primamos nesse trabalho: a indissociável relação entre modo de produção e a formação social, sendo que, epistemologicamente, “*a economia política se une à sociologia e à ciência da história*”. (GORENDER, 1978, p. 23).

Parabólica e modernidade: espaço de cidadania?

Como já dissemos, ainda que a maioria dos (as) “bóias-frias” tenha acesso a eletrodomésticos, não são a muitos. Geralmente, apenas ao televisor, geladeira e fogão. Às vezes, a um equipamento de som e a um aparelho de DVD. É o máximo que conseguem adquirir as despesas de muito esforço físico, de muitos golpes de facão, de safras e safras sob sol e chuva a fim de pagarem as prestações. Uma antena parabólica ou um automóvel usado representam grandes conquistas para estes (as) trabalhadores (as) numa “*sociedade burocrática de consumo dirigido*” (LEFEBVRE, 1969).

Lefebvre lança a seguinte pergunta em sua contribuição à teoria das representações: “*Como negar que a necessidade se representa em termos de liberdade?*”⁶ (LEFEBVRE, 2006, p. 42). E explica seu questionamento, ainda não responde: “*Assim, o ato de comprar (uma coisa, um produto), protótipo ou arquétipo do ato social e da necessidade, se apresenta como a liberdade de escolher.*”⁷ (LEFEBVRE, 2006, p. 42). Na visita que fizemos à Diva, jovem “bóias-fria” de 22 anos, natural de Barro Alto, Goiás, casada e mãe de dois filhos, fotografamos uma antena parabólica (Foto 4) no quintal de sua casa. De fato, a tecnologia adentra os imóveis onde reside a população mais pobre da cidade. E, novamente, segundo Lefebvre (1969, p. 22): “*O consumo dos signos da tecnicidade – sempre igual a si mesmo – faz parte das ilusões dos signos e do consumo*”.

Contudo, cabem alguns questionamentos: É o acesso a bens, mercadorias e serviços uma garantia de cidadania de tantos trabalhadores e trabalhadoras do corte de cana nos mais longínquos rincões do Brasil? O que esse acesso representa em termos de direito ao espaço, acesso efetivo aos espaços da cidade onde moram? E ainda, o que elabora no sentido de uma transformação histórica das bases na qual se assenta uma desigual distribuição de terras no Brasil, ou seja, em que aspecto garante voz aos subalternos no embate político quando da tomada de decisões cruciais no que tange a questão agrária? Já que o espaço é eleito como categoria pela qual é possível a apreensão do cotidiano desses (as) trabalhadores (as), aportamos a discussão realizada pelo professor Milton Santos, para quem a cidadania do (a) trabalhador (a) brasileiro (a) é mutilada na medida em que o território é instrumentalizado

⁶ Trad. dos autores: “¿Cómo negar que la necesidad se representa en él en términos de libertad?”

⁷ Trad. dos autores: “Así, el acto de comprar (una cosa, un producto), prototipo o arquetipo del acto social y de la necesidad, se presenta como la libertad de escoger.”

segundo os ditames do capital, em detrimento da busca por um projeto social igualitário. (SANTOS, 2007).



Foto 4 – Parabólica e modernidade: espaço de cidadania? (Foto do Autor, 2009).

Nesse sentido, o capital despoja-se de seus mecanismos de alienação, sendo o consumo basilar para tanto. Não obstante, pretende tornar nebulosa por quais razões se estabelece a precariedade das condições de vida dos (as) “bóias-frias”, dentre elas, a relacionada ao espaço social. É pela ausência de condições de acesso a serviços e equipamentos, mesmo públicos, que se opera uma desigual materialização dos direitos de muitos trabalhadores (as) “bóias-frias”. Sob os auspícios da propriedade privada, que tem o caráter de impedir melhor compreensão do problema, repousam-se questões outras, altamente relevantes, que explicam tamanha desigualdade. A ausência do efetivo exercício dos direitos políticos, a falta de acesso a informação e a insuficiência do salário mínimo são questões pontuadas pelo professor Milton Santos. Todas, oriundas de uma anacrônica concepção do espaço, o que obviamente recai sobre a cultura e a inerte insurgência da cidadania. Essa realidade, todavia, não permite que tomemos por inépcia ou ignorante a concepção que “bóias-frias” têm de suas condições de vida e de trabalho.

Conscientes da distância que há entre o exaustivo trabalho realizado e seu efetivo reconhecimento, muitos (as) “bóias-frias” almejam abandonar o mais breve possível o corte de cana. Relatam o abatimento, o cansaço e a dureza da labuta diária e identificam, na educação, o melhor caminho para a ruptura com a realidade na qual estão imersos. Prova material consta numa das fotografias que obtivemos: a de uma das paredes da casa da Sr.^a Nair. Nela, encontram-se quatro quadros de certificados recebidos por seu esposo, que também trabalha na usina. São certificados de cursos realizados, sendo um deles pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, o SENAR, outros dois emitidos pela própria usina e um certificado de mérito do trabalho (Foto 5). Dependurá-los na parede, certamente, consiste em conferir valor especial a cada um dos certificados, ao seu conteúdo, melhor dizendo.

Logo, a educação ali em destaque, ao aperfeiçoamento e a ascensão profissional que deles provem. Obviamente que a contradição permeia a relação entre modo de produção e formação social. Somente uma compreensão do papel exercido pelas representações pode dissipar a construção de um conhecimento segundo os interesses da burguesia, bem como desobstruir a via da emancipação. Marx foi mais longe que expor a lógica de operação do capital, nos forneceu conceitos pelos quais podemos banir essas representações, como os de estranhamento e alienação. Do mesmo modo, a consideração das representações foram determinantes no pensamento lefebvriano, pela qual é factível a compreensão da contraditória relação entre a ordem próxima e a ordem distante.

A educação, por exemplo, destacada pelos (as) “bóias-frias” como instrumento de ascensão social é tomada no seu sentido burguês, o que não significa, de fato, a emancipação dos indivíduos, mas a qualificação segundo os ditames do capital. Quanto ao certificado de mérito do trabalho, sabe-se de sua tradicional prática pelas empresas dos mais diversos ramos de atividade econômica. Sua finalidade? Escamotear a exploração dos (as) trabalhadores (as) e legitimá-la, ideologicamente, velando a letargia do patronato no verdadeiro reconhecimento de seus direitos. É o certificado de mérito do trabalho um mecanismo de representação despojado pela burguesia canavieira, um símbolo orgulhosamente exposto pelo (a) trabalhador (a) que, enquanto não o possui, é induzido a produção de mais valia. As representações alienam, posto mediadoras das relações sociais consoante as necessidades do modo de produção capitalista.



Foto 5 – Mérito do trabalho: ardilezas do patronato.

(Foto: Xavier, 2009).

Não se limita a isso a ardileza com que age o patronato no sentido de tornar mais eficaz a exploração da força de trabalho. Obtivemos do Sr. Pedro, o primeiro entrevistado, a seguinte informação: aquele (a) trabalhador (a) que supera a média de R\$ 17,53/dia (calculada no mês trabalhado) recebe uma cesta básica como recompensa. Verificamos que essa informação condiz, de fato, com a realidade. Trata-se de uma indução espúria ao mais trabalho ou a intensificação do processo de extração do sobretrabalho. Em outras palavras,

seria a troca de mais-valia pela alimentação, necessária a reprodução da própria força de trabalho. Essas artimanhas do patronato engendram, nas palavras de Maria Aparecida de Moraes Silva (1999), o controle e a dominação da força de trabalho. *“Paulatinamente, vai se construindo um trabalhador padronizado, transformado em força de trabalho. Além disso, no interior do mesmo processo produtivo, criam-se e recriam-se as divisões entre a mesma categoria de trabalhadores: homens, mulheres, os bons, os maus, os fixos, os volantes etc.”* A vovó Francisca é um exemplo de trabalhadora padronizada.

Vovó Francisca: uma exímia cortadora de cana

A Sr.^a Francisca, de 49 anos e natural de Vila Propício, Goiás, está no corte de cana desde 1984 e é uma trabalhadora cuja experiência atesta essa elaboração, em considerável medida ideológica, do (a) bom (a) cortador (a) de cana. Quando iniciara na atividade, tinha apenas 24 anos. Hoje, é conhecida popularmente como “vovó” Francisca. Embora tantos anos na atividade tenham lhe tomado muito do vigor físico, o tempo foi fundamental na formatação de uma exímia trabalhadora do corte de cana. Por meio da entrevista, foi possível perceber peculiaridades a partir do comportamento da Sr.^a Francisca. De poucas palavras, informou que raramente faltava ao trabalho. Durante a última safra faltou apenas um dia, por motivos de saúde. O automóvel, um Del Rey, portanto antigo e usado e sua casa, ainda em construção, são motivos de orgulho para a Sr.^a Francisca. Segundo ela, tudo resultou de muitos anos de trabalho.

Representa, destarte, verdadeiras conquistas, a materialização do suor derramado nos eitos, das marcas no rosto imprimidas pelo tempo e pelo desgaste físico. Há diferenças substanciais entre o cotidiano de homens e o de mulheres “bóias-frias”. Dentre elas, o trabalho doméstico, geralmente realizado pelas mulheres. Durante a entrevista, a Sr.^a Francisca foi enfática ao dizer que trabalha na cana e trabalha em casa. Assim ela manifestou: *“Não sobra tempo para nada”*. O tempo de lazer é pouco desfrutado pelos (as) “bóias-frias” da cana. Um tempo que praticamente não existe nos períodos de safra.

Cansados (as) pela lida no trabalho, quando retornam dos canaviais, homens e mulheres buscam apenas o repouso dos corpos. No caso das mulheres, esperam-lhes atividades como a lavagem de roupas e o preparo da alimentação. Dentre os serviços fornecidos por uma das usinas, há um convênio com um clube na cidade. No entanto, a maioria dos (as) trabalhadores (as) não desfruta desse tipo de lazer e, quando o fazem, são raras vezes. Num país cuja cidadania é mutilada, como podem trabalhadores (as) rurais superexplorados, como são os (as) cortadores (as) de cana, desfrutarem efetivamente do tempo de lazer? É cômodo a usina convênio com clubes. Além de simularem a promoção do lazer de seus trabalhadores (as), recebe prêmios, certificados de qualidade e outras menções que, geralmente, não condizem com a realidade vivida por homens e mulheres, exclusivos fornecedores de valor às mercadorias.

Espaços de fertilidade e complemento à alimentação

No tocante à morada dos (as) trabalhadores (as), consideramos pertinente o registro de imagens de seus quintais. O motivo? Em todos havia algum tipo de cultivo, ou de plantas,

pimentas, milho, mandioca, ou de árvores frutíferas e ervas medicinais, além da criação de galinhas. (Foto 6). Em contraposição à queima da cana e a devastação do cerrado pela monocultura, são notáveis cidadãos do ponto de vista da preservação ambiental e da disseminação do simples saber, considerado produto do sendo comum. Devemos, por hora, recorrer ao pensamento de Vandana Shiva (2003) quando trata das monoculturas da mente e suas conseqüências sócio-ambientais. Em linhas gerais, suas reflexões tratam da disseminação dos conhecimentos forjados nos países do “primeiro mundo” no que diz respeito às técnicas agrícolas, a biotecnologia, considerados avançados do ponto de vista tecnológico, modernos e, portanto, superiores ao conhecimento das populações nativas do “terceiro mundo” que, ao invés de cultivarem sementes de alta produtividade, cultivam “ervas daninhas”. Shiva mostra, por sua vez, que tais sementes, como a soja e o eucalipto, assim como ocorre com a cana-de-açúcar são, na verdade, sementes de alta receptividade a agrotóxicos, defensivos e outros, tratando-se de verdadeiros agentes de destruição da biodiversidade.

Cabe, contudo, considerar que o avanço desses cultivos apóia-se em princípios ideológicos que insistem em destruir os saberes locais, a diversidade ambiental e de pensamento na medida em que propalam um conhecimento único, assentado no paradigma dominante da produção, pelo qual a diversidade opõe-se à produtividade. A ideologia, materializada, cotidianamente, nessas representações do moderno e do atrasado, da semente de “elite” ou daquela “primitiva” certamente constitui a *ordem distante*, cunhada pelo pensamento de Henri Lefebvre. Temos, aí, elementos que confirmam a natureza refém do espaço aos ditames de um capital que se acumula e se reproduz, essencialmente, a partir de bases ideológicas sustentadas por classes sociais bem nítidas.



Foto 6 – Frutas do cerrado e ervas medicinais: espaços de fertilidade. (Foto: Xavier, 2009).

Temos, ademais, clarificada a noção do espaço enquanto produto e não somente arena dos acontecimentos. Essa observação desperta, ainda, uma indagação que, consideramos, resguarda uma multiplicidade de compreensões: Por quais motivos esses (as) trabalhadores e trabalhadoras são levados a prática de algum tipo de cultivo ou criação de galinhas nos seus quintais? A resposta, presumimos, não se esgota na hipótese de que exercem tais práticas seja

em valorização ao meio ambiente ou ao saber que possuem, mas naquela relacionada às condições de vida dos (as) trabalhadores (as), à obtenção dos recursos para sobrevivência e reprodução da força de trabalho. Perspectiva que aponta para algumas interpretações concernentes a mais-valia produzida no corte de cana e o salário pago pelo patronato. Dentre elas, a de que mediante a insuficiência dos salários na garantia das necessidades basilares à reprodução da força de trabalho e o sustento familiar, os (as) trabalhadores (as) “bóias-frias” recorreriam a formas alternativas a fim de proverem parte da alimentação que carecem.

Para tanto, os quintais teriam, dentre outras funções, a de espaços dos quais seriam extraídos recursos complementares à alimentação cotidiana. O que significaria, em outros termos, uma superexploração dos (as) trabalhadores (as) “bóias-frias”, de tal sorte que as horas de trabalho destinadas a produção de mais-valia requerida pelo patronato excederiam significativamente àquelas direcionadas a reprodução da força de trabalho ao ponto de impedir que os salários recebidos fossem suficientes para assegurar até mesmo o alimento de que necessitam. Essa não é uma hipótese facilmente descartada, considerando que várias pesquisas apontam para a insegurança alimentar dos (as) trabalhadores (as) “bóias-frias”. Em recente pesquisa de doutorado, realizada na Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, ao comparar as condições de saúde de famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra com as condições de saúde dos (as) “bóias-frias”, o pesquisador Fernando Ferreira Carneiro (2008, p. 757) chegou à seguinte conclusão:

Os trabalhadores bóias-frias apresentaram um alto índice de insegurança alimentar (39,5%), quase o dobro da proporção entre as famílias acampadas e quatro vezes mais que as assentadas. Com uma renda variável e baixa, os bóias-frias estavam mais expostos aos agrotóxicos se comparados aos assentados e acampados. A produção animal desenvolvida por todas as famílias assentadas foi uma característica marcante, ao contrário das famílias bóias-frias que praticamente não contavam com essa possibilidade na cidade.

Nas cidades do agronegócio, como Goianésia, é a lógica do capital encetada pelos complexos agroindustriais sucroalcooleiros que modela a vida urbana. O campo passa, paulatinamente, a ceder espaço à cidade e a ruralidade presente no espaço mental de muitos homens e mulheres, recorrentemente, choca-se com os ritmos e contornos da urbanidade. Como elucida Brandão (2007a, p. 58):

É assim que entre a máquina e a *mídia*, o universo da racionalidade do moderno-urbano domina as paisagens naturais e humanas do campo. Não será ao acaso que a maioria dos seus trabalhadores braçais ou vivem em cidades-dormitório próximas, ou migram de espaços muito distantes, como o vale do Jequitinhonha, e vivem provisoriamente na periferia pobre das cidades.

É assim que “*a cidade em expansão ataca o campo*” (LEFEBVRE, 2001, p. 74) e a vida urbana despoja a vida camponesa de seus elementos tradicionais. Contribuem nesse processo os meios de comunicação, a mídia a que se refere Brandão, a manipulação de aparelhos a partir da técnica, do som, da TV, do DVD, da máquina de lavar, a precisão dos ponteiros do relógio e do despertador que, na sua finalidade cotidiana, demarcam o ritmo do tempo disciplinado reservado ao trabalho à contramão do tempo biológico do desejo do sono e do repouso.

A casa e a “insondável reserva dos devaneios da intimidade”

Bom seria podermos abrir as gavetas dos armários nas casas dos (as) “bóias-frias”, seus caixotes de madeira, enfim, o que comporta “*a insondável reserva dos devaneios de intimidade*” (BACHELARD, 2000, p. 57) e, assim, observar seus objetos mais particulares, seus álbuns fotográficos, bilhetes, cartas, monóculos. É erro supor que o cotidiano dos (as) “bóias-frias” não reserva as descrições de Bachelard sobre a casa, a gaveta, os cofres e os armários, ou melhor, mais que uma descrição, uma leitura desses espaços, como ele mesmo diz. Dentre os móveis distribuídos pelos poucos cômodos das casas dos (as) “bóias-frias”, por mais modestos que sejam, alguns não deixam de significar “*verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta*” (BACHELARD, 2000, p. 91), invólucros do tempo, nos quais o vivido é de uma forma ou de outra, representado. Pela própria ordem no álbum, as fotografias falam de tempos e espaços, assim como as cartas pelas datas e endereços de emitentes.

Não obstante, outros olhares sobre a casa desvelam o substrato do cotidiano de seus moradores, como ocorre com os espaços da cozinhas. Nelas, é preparada parte fundamental das condições de reprodução da força de trabalho: a alimentação. Se se parte do pressuposto de que as condições históricas, físicas e biológicas encontram-se imbricadas, um simples copo de plástico denota riqueza de significados. O que buscamos com essa afirmação? Se foram inviáveis as investigações sobre os órgãos da vida psicológica secreta, o mesmo não se repetiu, até certo ponto, com os órgãos da vida biológica, posto que reveladas pelas imagens das cozinhas. Algumas apresentam a modéstia das prateleiras naqueles espaços.

De aço ou de madeira, algumas são improvisadas, mas todas cumprem a utilidade de armazenar os utensílios e vasilhames necessários ao cozimento dos alimentos e a própria alimentação. Embalagens de requeijão e de extrato de tomate úteis como copos, bacias e tábuas para carne feitas de plástico, rústicos coadores de café, copos e panelas de alumínio que denunciam o tempo de uso pela dilapidação do gasto, ocupam àquelas prateleiras. Há, pode se afirmar, similitudes entre o conteúdo e seu continente; as rústicas vasilhas denunciam a precária alimentação dos (as) “bóias-frias”. Em tempo, nos ativemos aos signos, na acepção lefebvriana, comportados pelo cotidiano dos (as) “bóias-frias”, especialmente àqueles envolvidos pelos objetos que compõem os espaços de suas casas e desvelam a condição urbana pela qual se materializa a reprodução de suas vidas.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BACHELARD, Gastón. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Reflexões sobre como fazer trabalho de campo*. Sociedade e Cultura. v. 10, n. 1, jan./jun. 2007, p. 11-27.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil*. Ruris: Revista do Centro de Estudos Rurais/ Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. v. 1, n. 1. Campinas: Unicamp/IFCHF, 2007.

CARNEIRO, Fernando Ferreira. [et. al.]. *Saúde de famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e de bóias-frias, Brasil, 2005*. Revista de Saúde Pública. v. 42, n. 4. Brasília, DF, 2008. p. 757-763.

D'ACRI, Vanda. *O significado do trabalho: o estudo das condições de trabalho e saúde dos trabalhadores de uma indústria têxtil de amianto no Rio de Janeiro*. 2002. Tese (Doutorado) – Coope/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1978.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: FCE, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *A re-produção das relações de produção*. In: Martins, J. de S. e Foracchi, M. M. Sociologia e Sociedade. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *O pensamento marxista e a cidade*. Póvoa de Varzim: Ulisseia, 1972.

LEFEBVRE, Henri. *Posição: contra os tecnocratas*. São Paulo: Nova crítica, 1969.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

MELO, Hildete Pereira de, CONSIDERA, Claudio Monteiro and DI SABBATO, Alberto. Os afazeres domésticos contam. *Econ. soc.*, dez. 2007, vol.16, nº3, p.435-454.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2007.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente*. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

WHITAKER, Dulce C. A. Nas franjas do rural-urbano: meninas entre a tradição e a modernidade. *Cad. CEDES*, Abr. 2002, vol.22, nº 56, p.7-22.